
Representações racializadas do personagem negro "Pimpo" em histórias em quadrinhos da revista infantil Cacique

Paula Klauck¹, Maria Angélica Zubaran²

¹Acadêmica do Curso de História da Universidade Luterana do Brasil,

²Professora-Orientadora do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil.

Resumo

O presente artigo analisa as representações racializadas do personagem negro "Pimpo" e de sua família, em quatro histórias em quadrinhos publicadas na revista infantil *Cacique*, no ano de 1954, na cidade de Porto Alegre/RS. O objetivo central deste estudo é a partir da abordagem teórica dos Estudos Culturais problematizar os significados atribuídos a personagens negros em histórias em quadrinhos e chamar atenção para o potencial pedagógico destas representações na educação de crianças e jovens leitores. No caso específico do personagem "Pimpo", foi representado de forma ambígua nas narrativas escritas e visuais das histórias em quadrinhos que protagonizou. De um lado, o personagem foi reduzido a representações estereotipadas e animalizado e de outro, representado de forma humanizada, convivendo em harmonia com amigos brancos e um primo pardo, aparentemente integrados, dentro das premissas da democracia racial vigente naquela época.

Palavras-chave: Estudos Culturais, Histórias em Quadrinhos, Revista Cacique.

Abstract

This article analyzes the racialized representations of the black character "Pimpo" and his family, in four comic books published in the children's magazine *Cacique*, in 1954, in the city of Porto Alegre/RS. The main objective of this study is, from the theoretical approach of Cultural Studies, to problematize the meanings attributed to black characters in comic books and to draw attention to the pedagogical potential of these representations in the education of children and young readers. In the specific case of the character "Pimpo", he was represented in an ambiguous way in the written and visual narratives of the comic books he starred in. On the one hand, the character was reduced to stereotyped and animalized representations and on the other, represented in a humanized way, living in harmony with white friends and a brown cousin, apparently integrated, within the premises of the racial democracy in force at that time.

Keywords: Cultural Studies, Comics, Cacique Magazine

Introdução

O trabalho aqui apresentado analisa as representações do personagem negro "Pimpo", em histórias em quadrinhos da revista infantil *Cacique* na década de 1950. O objetivo proposto é questionar as representações estereotipadas de personagens negros em histórias em quadrinhos e chamar atenção para as dimensões pedagógicas dessas representações na construção de subjetividades e identidades de crianças e jovens

leitores. Mesmo consideradas por vezes uma "arte menor", as revistas infantis apresentam dimensões pedagógicas relevantes, na produção e reprodução de valores, comportamentos e modos de ser criança.

A *Revista Cacique* surgiu na década de 1950, como resultado da iniciativa do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – CPOE/RS, da Secretaria de Educação e Cultura – SEC/RS, e circulou até a década de 1960.

De acordo com Silveira, Zubaran e Hessel (2019), em estudo sobre a materialidade da revista, a *Cacique* era composta por uma variedade de seções, entre elas: textos ficcionais, lendas, fábulas, histórias seriadas, histórias em quadrinhos, poemas, partituras musicais, textos informativos relacionados à história, geografia e cultura brasileira, assim como textos informativos sobre outros países e povos, além de temas relacionados às ciências. Havia também diversos passatempos, como charadas, adivinhações, curiosidades, palavras cruzadas, registradas em quase todas as edições, assim como piadas, anedotas e provérbios; a revista *Cacique*, assim, filiava-se às tradições das outras revistas infantis brasileiras que a precederam ou foram contemporâneas, assemelhando-se às mesmas tanto no cumprimento de ideais educativos para a infância, quanto no intuito de ser um canal de entretenimento e recreação. Destaca-se ainda, que a revista *Cacique* circulou em escolas e foi assinada por muitas famílias gaúchas. Inicialmente, era impressa na Livraria do Globo e atingiu uma tiragem mensal entre 10 e 15.000 exemplares (BASTOS, 1994, p. 1).

Já sobre o gênero da HQS, Fernando Moretti (2012) destaca que os quadrinhos abrigam vários gêneros como tiras, caricaturas, charges, cartuns e que se trata de uma narrativa sequencial em quadros ordenados, ou *frames*, nos quais há a apresentação dos desenhos e de palavras (códigos visual e verbal) que compõem o seu enredo.

As quatro HQS selecionadas para análise neste estudo foram publicadas no ano de 1954, primeiro ano de lançamento da revista infantil *Cacique*, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Outros dois personagens negros também foram protagonistas em HQs da revista *Cacique*: Chocolate e Tibica, ambos visivelmente representados de forma estereotipada e marcados pela cor preta da pele e por traços exagerados como olhos esbugalhados e lábios salientes, assim como o personagem “Pimpo”. No entanto, neste estudo, salienta-se a relevância da temática para a educação das relações étnico-raciais (ERER) no Brasil e a ambiguidade de sentidos associados ao personagem negro “Pimpo”, no contexto da democracia racial da época.



Figura 1: Apresentação do personagem Pimpo. Fonte: Pimpo no Circo, p.21, quadro 1. Acervo do Projeto Cacique.

Materiais e Métodos

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa documental e qualitativa da revista infantil *Cacique*. O corpus empírico da análise está composto por quatro histórias em quadrinhos: Pimpo no Circo, Pimpo na Festa, Pimpo Valente e Pimpo Guloso, publicadas no primeiro ano de circulação da revista. Realizamos o mapeamento das representações racializadas mais recorrentes nos textos verbais e imagéticos destas HQs e estabelecemos uma interlocução com os estudos sobre o tema no âmbito das pesquisas sobre HQs e dos estudos sobre educação das relações étnico-raciais (ERER).

No âmbito teórico, na perspectiva dos Estudos Culturais, compartilhamos a ideia de Marisa V. Costa (2012), que salienta que as revistas são produtivas e constroem relatos interessados que operam sobre nossas vidas, orientando nossas escolhas, apontando-nos caminhos, construindo significados sobre o mundo, sobre as identidades e a sociedade em que vivemos. Nesta direção Shirley Steinberg (1997, p. 101-102), propõe a noção de pedagogias culturais vinculada à [...] ideia de que a educação ocorre numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela. De acordo com a autora, locais pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exercita tais como bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, entre outros.

No caso particular das revistas infantis, como salienta Martins (2001), as revistas pedagógicas e infantis apresentam uma proposta formadora, como veículos de valores, comportamentos e hábitos. Assim, entende-se que não se aprende sobre raça e identidades étnico-raciais somente na

escola, mas também por meio de diversos significados que são produzidos e disseminados na cultura em múltiplos artefatos culturais, entre os quais se inserem as histórias em quadrinhos.

Inicialmente, apresentamos uma breve descrição dos principais personagens que marcam as cenas protagonizadas por Pimpo: Nas HQs “Pimpo Guloso” e “Pimpo na festa de aniversário” o personagem é representado junto aos membros de sua família, com destaque para a mãe, o pai, a madrinha e o primo, de pele mais clara e seu companheiro nas traquinagens. Nas HQs “Pimpo guloso” e “Pimpo na Festa de Aniversário”, “Pimpo” é representado entre amigos brancos e seu primo pardo. Neste sentido, parece haver uma intenção da revista em mostrar um cenário brasileiro multirracial e relações harmoniosas entre as diferentes etnias representadas nestas HQs, na perspectiva da democracia racial, discurso recorrente naquela época sobre as relações étnico-raciais no Brasil.

Resultados e Discussão

O estudo demonstra a importância pedagógica das revistas infantis e das histórias em quadrinhos na construção de subjetividades e identidades étnico-raciais e contribui para o questionamento de representações estereotipadas de crianças negras e pardas em HQs. Neste sentido, destaca-se que o personagem negro “Pimpo” ora foi inferiorizado e animalizado, representado como “negrinho”, preguiçoso, avesso ao trabalho e traquina, ora convivendo de forma harmônica e integrado a amigos brancos e pardos, segundo as máximas da democracia racial da época.

Pimpo no Circo

Na HQ “Pimpo no circo”, o primeiro quadrinho descreve o protagonista como “um negrinho moleque, de cabelo encarapinhado, nariz achatado, que gosta muito de circo”.



Pimpo no Circo, p. 19, primeiro quadro.
Fonte: Acervo do Projeto *Cacique*

Pode-se observar, nesta imagem, que tanto o texto verbal como o imagético reduzem o personagem Pimpo à sua diferença física, representado de forma estereotipada pela cor preta, olhos esbugalhados e lábios proeminentes. Nesta primeira imagem, o cabelo crespo não aparece, encoberto pelo uso do chapéuzinho branco. Quanto a representação textual como “negrinho”, bastante frequente na sociedade brasileira, vale sublinhar que nem sempre significa um tratamento carinhoso; pelo contrário, frequentemente é uma expressão do olhar branco que inferioriza o outro negro (a). Segundo Hall (2016), estes estereótipos raciais constituem o que podemos chamar de “um regime racializado de representação”, que têm persistido nos repertórios de representação de pessoas negras e atravessado os séculos XX e XXI.

Nos quadrinhos que seguem, o personagem “Pimpo” foi representado associado ao leão do circo, conforme pode-se observar nas imagens que seguem



Fonte: Pimpo no Circo, p.21, quadros 1,2,3,4,12,13,14 e 15.
Acervo do Projeto *Cacique*.

Destaca-se que o papel designado para “Pimpo” no circo, de vestir-se como um leão, pode ser interpretado dentro de uma rede discursiva mais ampla gerada pelo colonialismo, dos discursos de animalização do “outro”, em que o colonizado era representado como selvagem e associado à natureza. Ella Shohat e Robert Stam sublinham que o processo de animalização do outro negro visava naturalizar as diferenças étnico-raciais, conforme segue:

O processo de animalização faz parte do mecanismo mais amplo e difuso da naturalização, ou seja, a redução do elemento cultural ao biológico, associando assim o colonizado a fatores vegetativos e instintivos em vez de associá-lo a aspectos culturais e intelectuais. (SHOHAT & STAM, 2006, p.2001).

Ademais, no contexto do racismo estrutural que marca a sociedade brasileira, as representações animalizadas de pessoas negras são recorrentes, entre elas, a representação do outro(a) negro(a) como “macaco (a)”.

Destaca-se ainda, que a associação indireta do personagem Pimpo a um animal “legítimo rugidor das selvas africanas” revela uma visão estereotipada e preconceituosa da África construída no imaginário europeu como um continente marcado por “barreiras” naturais, particularmente, pelas selvas impenetráveis, habitadas por animais perigosos e tribos selvagens.

Pimpo e a Festa de Aniversário

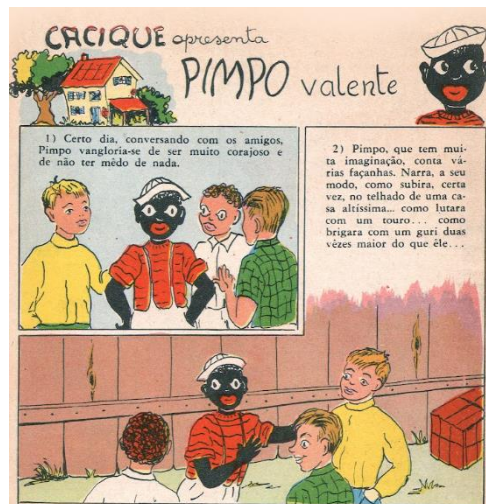
Nesta HQ, o personagem negro “Pimpo” foi representado como aparentemente “integrado” entre amigos brancos e pardos, segundo as máximas da democracia racial prevalentes naquela época. O conceito de democracia racial que surgiu na década de 1930, argumentava que não havia conflitos raciais entre brancos e negros no Brasil e que prevaleciam relações harmoniosas entre as diferentes raças.



Fonte: Pimpo e a festa de aniversário, p.8, quadros 1,2 e 3. Acervo do Projeto Cacique.

Pimpo Valente

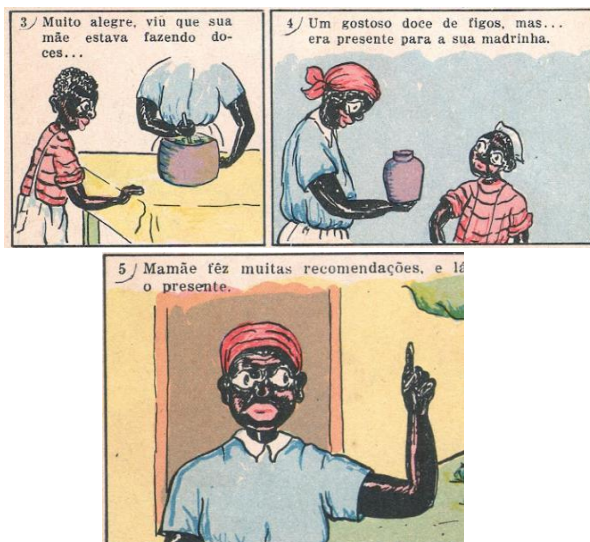
Nesta HQ Pimpo aparece novamente entre seus amigos, mas destaca-se a presença de seu primo pardo de pele mais clara, com o cabelo também encarapinhado, olhos esbugalhados e lábios grossos, no qual a criança parda também foi representada de forma racializada e estereotipada.



Fonte: Pimpo valente, p.1, quadros 1 e 2. Acervo do Projeto Cacique.

Pimpo Guloso

Neste HQ, destaca-se a representação dos familiares do personagem “Pimpo”, de sua mãe e madrinha. Apesar da humanização do personagem, representado como membro de uma família negra, as personagens da família, também são reduzidas aos significantes de sua diferença física – cor preta, olhos esbugalhados e lábios grossos.



Fonte: Pimpo guloso, p. 26, quadros 3, 4 e 5. Acervo do Projeto Cacique.

Destaca-se a representação da mãe de Pimpo, ora apresentada de forma fragmentada, apenas pelo seu torso e pelos braços e a mão que segura uma colher e que mexe o doce em uma vasilha rústica, naturalizando-a como cozinheira (quadrinho 3), ora

representada vestindo roupas simples e um turbante (quadrinho 4), que contribuem para reforçar a simplicidade e a rusticidade desta mulher negra. Para Hall, as representações racializadas de mulheres negras seguiram a tradição das *Mammie* do cinema norte-americano, que reduziram a mulher negra ao papel de doméstica e que naturalizam sua condição subalterna como se fosse um atributo inato de todas as mulheres negras. Eram frequentemente representadas vestindo avental e turbante e associadas à cozinha e a utensílios tais como fogão e panelas, essencializadas como cozinheiras.

Já “Pimpo” é representado como um menino preguiçoso, que é avesso ao trabalho e que acaba por roubar o doce que deveria ser entregue a sua madrinha. De acordo com Hall, a diferença étnico-racial durante a escravidão se dava em torno de dois temas: o primeiro era o *status* subordinado e a “preguiça inata” dos negros, naturalmente nascidos para a servidão. O segundo era o inato “primitivismo” dos negros, sua simplicidade e falta de cultura. Entretanto, observa-se que na trama narrativa de “Pimpo guloso”, a “preguiça” é de certa forma relativizada, quando o personagem atende ao pedido da mãe para levar o doce de figo à casa da madrinha.



Fonte: Pimpo guloso, p.26, quadros 1,2,3 e 4. Acervo do Projeto Cacique.

Considerações finais

Entende-se que não se aprende sobre raça e identidades étnico-raciais somente na escola, mas também por meio de múltiplos artefatos culturais, entre eles, as histórias em quadrinhos. Daí, a importância de desconstruirmos as representações e os significados racializados e negativos atribuídos aos personagens negros em histórias em quadrinhos. Salienta-se nesse sentido, os efeitos perversos das representações racializadas nas

histórias em quadrinhos de revistas infantis que repercutem negativamente na construção de subjetividades e identidades de crianças.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Luterana do Brasil pela oportunidade de apresentação e publicação deste estudo, a Professora Dra Maria Angélica Zubarán que me introduziu nas pesquisas sobre o tema e soube orientar este trabalho da melhor maneira possível, sempre dedicada e disponível. Agradeço também a Professora Dra Rosa Maria Hessel Silveira, que compartilhou o acervo da Revista Cacique, fazendo com que este trabalho fosse possível e que se tornasse uma extensão da pesquisa iniciada por ela na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Referências

- BASTOS, M.H.C *Imprensa pedagógica rio-grandense: CACIQUE – a revista gaúcha (1954-1963)*. Educação. PUC/RS Porto Alegre, v. XVII, n. 27, p.85-100, 1994.
- CAMOZZATO, Viviane Castro e COSTA, Marisa Vorraber. *Vontade de pedagogia pluralização das pedagogias e condução de sujeitos*. Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel. Pelotas: 22 - 44 janeiro/abril 2013.
- HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- MARTINS, Vinicius. *O negro em quadrinhos: a forma e o espaço de tinta escura nas Hqs brasileiras*. Alma Preta, 2017. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/o-negro-em-quadrinhos-a-forma-e-o-espaco-da-tinta-escura-nas-hqs-brasileiras>.
- MORETTI, Fernando. *Aprenda a desenhar cartuns*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; ZUBARAN, Maria Angélica; HESSEL, Maria Helena. “*Só ensina coisas úteis/proporciona alegria*”: apontamentos sobre a materialidade da revista infantil Cacique, de 1954 a 1959. Revista Métis, v.18, n.30, (2019).
- SHOHAT, Ella e STAM, Robert. *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2006.
- STEINBERG, Shirley R. e KINCHELOE, Joe L. *Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna*. In:_____ (orgs.). Cultura Infantil. A Construção Corporativa da Infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004 (p. 11-52).